

Lacunas do Plano Brady deverão ser avaliadas

por Tammi Gutner
da AP/Dow Jones

Lançado há pouco mais de seis meses, o Plano Brady destinado a amenizar a crise da dívida do Terceiro Mundo — proposto pelo secretário do Tesouro norte-americano, Nicholas Brady — continua a enfrentar um percurso acidentado, enquanto se discutem as formas para a sua implementação. O plano ainda é considerado muito novo, o que deverá impedir avaliações críticas pormenorizadas nas reuniões anuais do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial programadas para esta semana, em Washington.

No entanto, funcionários financeiros do governo norte-americano, bem como representantes dos bancos centrais e comerciais que estarão presentes aos encontros, acreditam que as lacunas da iniciativa serão discutidas em profundidade em reuniões e contatos informais.

De acordo com as fontes, o resultado desses contatos

poderá ser mais um passo na lenta evolução do Plano Brady, enquanto credores e tomadores realizam sondagens sobre as diversas opções que a iniciativa parece permitir. "A coisa toda se encontra em um processo de tentativa e erro", comentou um especialista em finanças do Terceiro Mundo.

O Plano Brady dá ênfase à redução do principal e do serviço da dívida, através de novos empréstimos, para países fortemente endividados que adotaram políticas de ajuste econômico. A iniciativa é respaldada por aproximadamente US\$ 30 bilhões em recursos do FMI, Banco Mundial e Japão. Até o momento, o plano já apresentou dois êxitos — ainda que em circunstâncias muito diferenciadas — no caso do México e Filipinas.

O acordo mexicano — o primeiro assinado sob a iniciativa — foi acertado após muita resistência e queixas por parte dos bancos. Muitos banqueiros comerciais opuseram-se energicamente contra o desconto de 35% nas obrigações que receberiam em lugar dos antigos empréstimos, uma das opções sob o acordo.

Os bancos, especialmente os europeus, consideraram que essa opção lhes foi "empurrada pela garganta", diante das fortes pressões do governo norte-americano, disse um banqueiro. Os mexicanos, que esperavam um desconto maior, também se mostraram insatisfeitos com o acordo, em conversas confidenciais.

PEDIDO DE AJUDA — O Peru pediu a ajuda do Fundo Monetário Internacional (FMI) para obter recursos com que possa pagar aos organismos financeiros as amortizações e juros vencidos de sua dívida externa.

Segundo comunicado do negociador da dívida peruana, Abel Salinas, aos governadores do FMI, cujo texto foi publicado sexta-feira em Lima, os créditos pedidos devem ter um prazo de resgate de vinte anos.